

**Súmula do Relatório do Grupo de  
Trabalho de assessoria técnica à  
Comissão Permanente de Prevenção,  
Monitorização e Acompanhamento  
dos Efeitos da Seca (CPPMAES)**

**OUTUBRO 2025**

Direção de Serviços de Estatística | Divisão de  
Estatística | Lisboa | 21 de novembro de 2025

## I. Avaliação Meteorológica

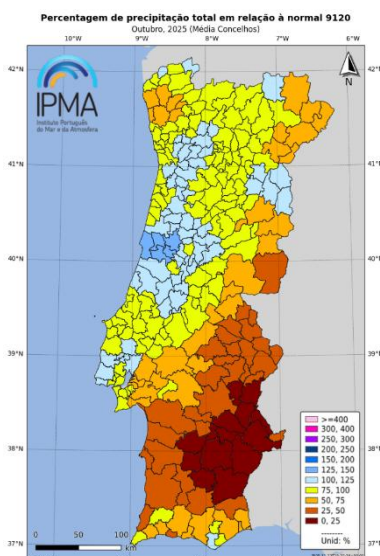
*O mês de outubro de 2025 em Portugal Continental classificou-se como **muito quente** em relação à temperatura do ar e **seco** em relação à precipitação.*

### ➤ **Temperatura**

- O valor médio da temperatura máxima do ar, 24.57°C;
- O valor mínimo da temperatura mínima do ar, 13.42°C;
- Durante o mês destacam-se valores de temperatura (máxima, média e mínima) sempre acima do valor médio mensal até dia 19 na temperatura máxima e, até dia 25, na temperatura mínima.
- Ocorreu uma onda de calor no período de 10 a 19, em cerca de 60% das estações meteorológicas, abrangendo as regiões Norte, Centro e Alto Alentejo.

### ➤ **Precipitação**

- Total mensal de precipitação em agosto foi de 86.4 mm, corresponde a 79% do valor médio 1991-2020;
- Durante o mês, destacam-se os valores elevados de precipitação diária nos dias 28 e 29 na região metropolitana de Lisboa e no Algarve. Desta forma, nos dias 28 e 29 de outubro verificou-se a ocorrência de precipitação persistente e forte, por vezes acompanhada de trovoada e rajadas fortes, associada a uma depressão com características subtropicais.
- No dia 31 de outubro verificou-se um novo episódio de tempo severo que se prolongou até ao dia 1 novembro (dia com maior impacto) e que afetou essencialmente a região litoral Norte e a região Centro.



**Figura 1 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (médio concelho) em relação à normal climatológica 1991-2020, no mês de outubro de 2025. (Fonte: IPMA)**

## II. Seca Meteorológica

- Em termos de distribuição percentual por classes do no território continental, no final de outubro verificava-se:
  - **1.2% na classe de chuva fraca**
  - **32.4% na classe normal**
  - **31.8% na classe de seca fraca**
  - **27.9% na classe de seca moderada**
  - **6.7% na classe de seca severa.**

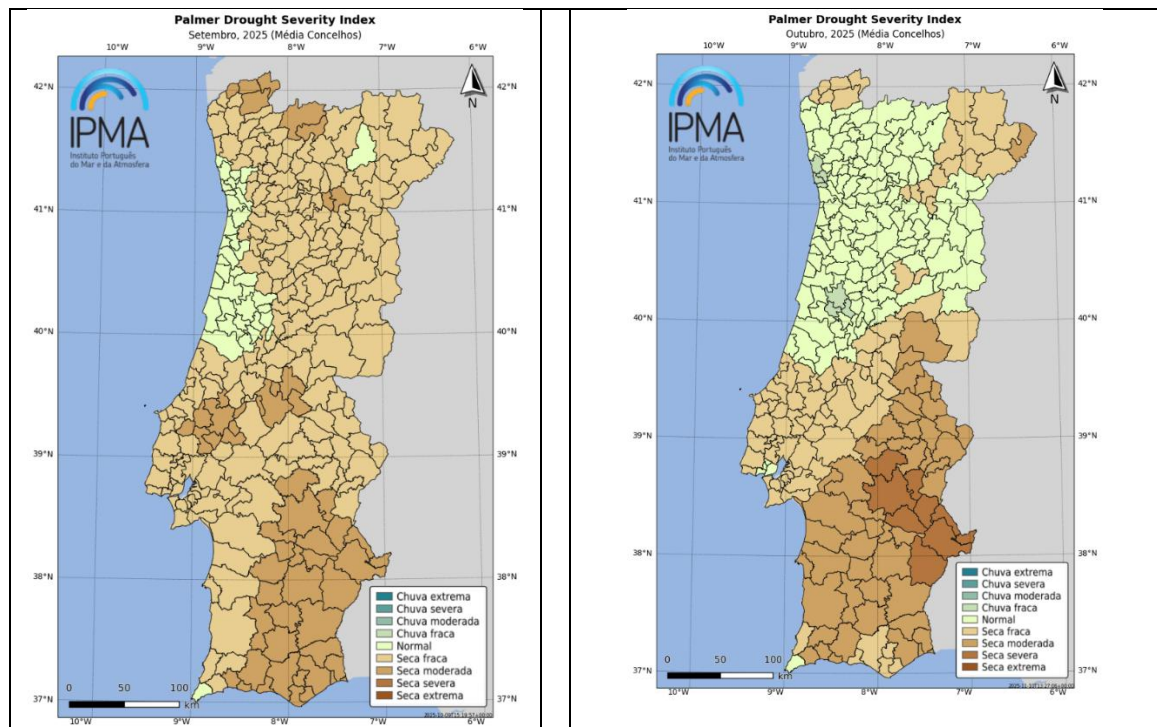
Tabela 1 – Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre janeiro e outubro 2025 (Fonte: IPMA)

Classes PDSI	31 Jan 2025 (%)	28 Fev 2025 (%)	31 Mar 2025 (%)	30 Abr 2025 (%)	31 Mai 2025 (%)	30 Jun 2025 (%)	30 Jun 2025 (%)	31 Jul 2025 (%)	31 Ago 2025 (%)	30 Set 2025 (%)	31 Out 2025 (%)
<b>Chuva extrema</b>	0.0	0.0	0.0	1.1	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
<b>Chuva severa</b>	0.0	0.0	23.1	56.3	2.8	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
<b>Chuva moderada</b>	0.0	0.6	60.6	34.6	64.5	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
<b>Chuva fraca</b>	53.4	33.3	16.3	7.9	25.9	14.8	0.0	0.0	0.0	0.0	1.2
<b>Normal</b>	40.3	65.5	0.0	0.0	6.8	76.4	33.3	0.6	0.6	5.5	32.4
<b>Seca Fraca</b>	6.2	0.6	0.0	0.0	0.0	8.8	62.1	78.5	78.5	67.8	31.8
<b>Seca Moderada</b>	0.1	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	4.6	20.9	20.9	26.7	27.9
<b>Seca Severa</b>	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	<b>6.7</b>
<b>Seca Extrema</b>	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	<b>0.0</b>

- A
- Figura 2 representa a distribuição espacial do índice de seca meteorológico PDSI, em termos médios por concelho (PDSI), a 30 de setembro e a 31 de outubro 2025.



**Figura 2 – Distribuição espacial do índice de seca meteorológica (médio concelho) a 30 de setembro e a 31 de outubro de 2025 (Fonte: IPMA)**



▪ **Níveis de Alerta para a Seca Agrometeorológica**

De acordo com a experiência adquirida nas secas anteriores definiram-se no PLANO DE PREVENÇÃO, MONITORIZAÇÃO E CONTINGÊNCIA PARA SITUAÇÕES DE SECA Níveis de Alerta para a Seca Agrometeorológica.

Os dois mais graves são:

**Nível A.2 – “Alerta”: Seca Severa**

Maior atenção reservada para o setor agrícola de sequeiro e pecuária extensiva onde se deve acompanhar os seus efeitos mais frequentemente, quinzenalmente, através da avaliação do Estado das culturas.

- Índice PDSI: classe de seca severa (-3.00 a -3.99) em 2 meses consecutivos no período de outubro a março.
- Índice SPI 6 meses em seca moderada a severa

Neste nível prevê-se o desencadeamento de medidas restritivas de alguns usos da água e de reforço dos controlos.

**Nível A.3 – “Emergência”: Seca Extrema**

- Índice PDSI na classe de seca extrema (-4.00 a -4.99)
- Índice SPI 6 meses em seca severa a extrema

Neste nível prevê-se a imposição de medidas restritivas de alguns usos da água. Em caso de evolução negativa poderão ser impostas medidas de carácter excepcional.



- De acordo com o índice PDSI<sup>1</sup>, no final de outubro, **registou-se um agravamento da intensidade da seca meteorológica nas regiões Centro-Sul e Sul**. Verificou-se um aumento da área em seca moderada, que passou a abranger alguns concelhos dos distritos de Portalegre e Castelo Branco, bem como o **surgimento de zonas em seca severa nalguns concelhos dos distritos de Évora e Beja**.
- Assim sendo, no mês de outubro encontravam-se **16 municípios nas classes do índice PDSI seca severa** (localizados nos distritos de Évora e Beja).
- É necessário manter vigilância no próximo mês, de modo a permitir acompanhar os Níveis de Alerta para a Seca Agrometeorológica.

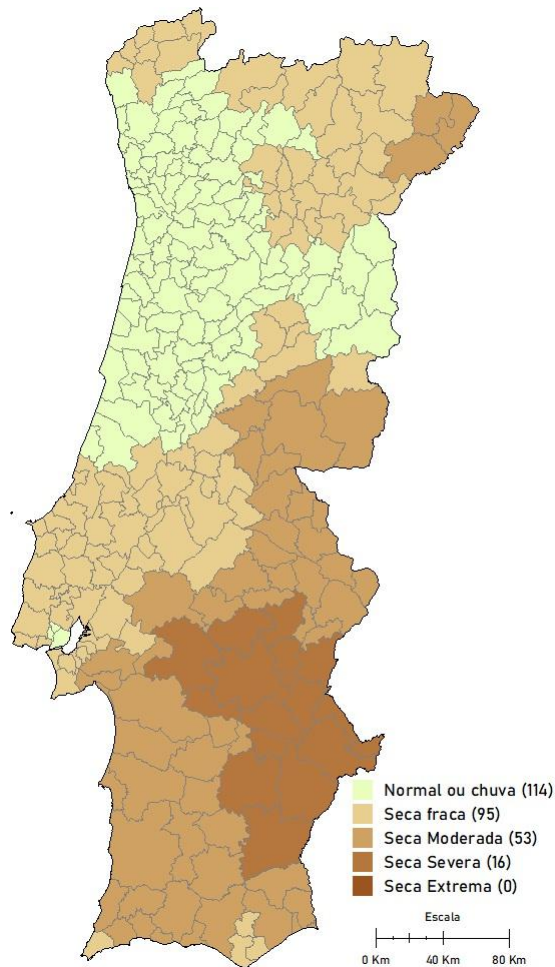
**Tabela 2 - Lista de Municípios em situação de Seca Severa, pela Classe de seca de PDSI a 31 de outubro de 2025**

<b>Distrito</b>	<b>Município</b>	<b>PDSI 2024-10-31</b>
BEJA	BARRANCOS	Seca Severa
BEJA	BEJA	Seca Severa
BEJA	MÉRTOLA	Seca Severa
BEJA	MOURA	Seca Severa
BEJA	SERPA	Seca Severa
BEJA	VIDIGUEIRA	Seca Severa
ÉVORA	ALANDROAL	Seca Severa
ÉVORA	ARRAIOS	Seca Severa
ÉVORA	ESTREMOZ	Seca Severa
ÉVORA	ÉVORA	Seca Severa
ÉVORA	MONTEMOR-O-NOVO	Seca Severa
ÉVORA	MOURÃO	Seca Severa
ÉVORA	PORTEL	Seca Severa
ÉVORA	REDONDO	Seca Severa
ÉVORA	REGUENGOS DE MONSARAZ	Seca Severa
ÉVORA	VIANA DO ALENTEJO	Seca Severa

<sup>1</sup> **PDSI** - Palmer Drought Severity Index - Índice que se baseia no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo; permite detetar a ocorrência de períodos de seca e classifica-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema).



Figura 3- Distribuição espacial do índice PDSI meteorológica em Portugal Continental a 31 de outubro de 2025 (Fonte: GPP, com dados do IPMA)



### ➤ Índice de seca SPI

O índice SPI (*Standardized Precipitation Index- Índice padronizado de precipitação*) quantifica o défice ou o excesso de precipitação em diferentes escalas temporais<sup>2</sup>, que refletem o impacto da seca nas diferentes disponibilidades de água.

Na Figura 4 apresenta-se o SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de outubro para as principais bacias hidrologicas do território (valor médio por bacia).

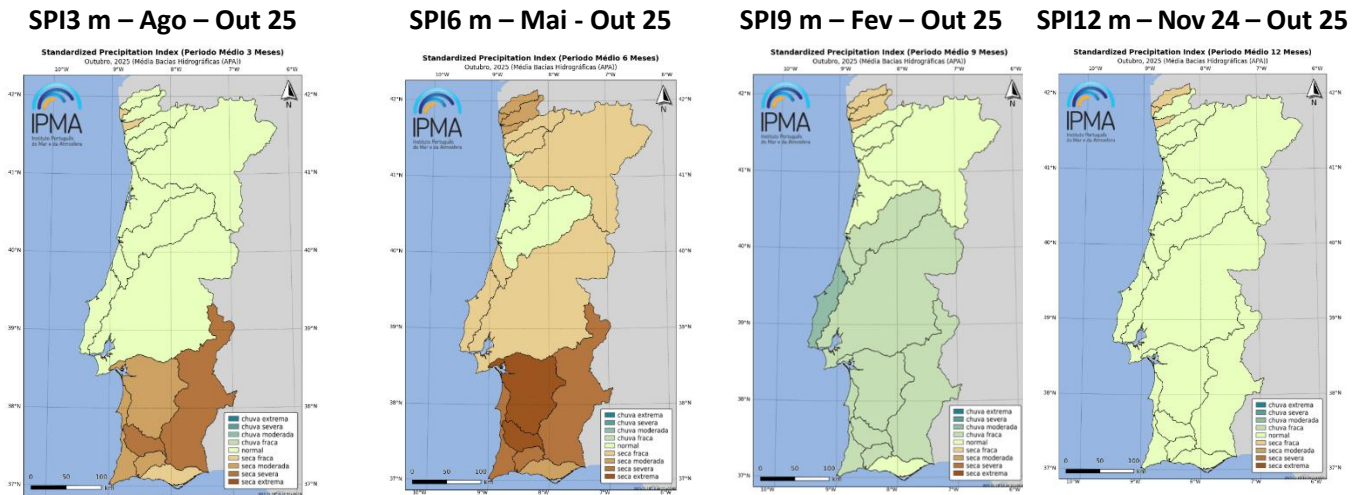
Na escala do SPI 3 meses, verificou-se uma diminuição da situação de seca nas bacias do Norte e um aumento da intensidade da seca nas bacias do Sul, destacando-se as bacias do Guadiana e de Mira na classe de seca severa. No SPI 6 meses, verificou-se um aumento da área e da intensidade da seca, em

<sup>2</sup> As menores escalas, até 6 meses, remetem à seca meteorológica e agrícola (défice de precipitação e de humidade no solo, respetivamente), entre os 9 e os 12 meses à seca hidrológica com escassez de água refletida no escoamento superficial e nos reservatórios artificiais. As condições do estado da água no solo respondem a anomalias da precipitação numa escala temporal relativamente curta (3 a 6 meses), enquanto os fluxos de água subterrânea e os reservatórios de água respondem a anomalias de precipitação em escalas temporais mais alargadas (9, 12 meses).

especial nas bacias da região Sul, uma vez que nos últimos 6 meses (maio a outubro), os valores de precipitação foram muito inferiores ao valor médio; de realçar as bacias do Sado e Mira na classe de seca extrema.

Nas restantes escalas do SPI (9 e 12 meses) continua a não existir seca em grande parte do território.

Figura 4 – Distribuição espacial do índice de seca SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de outubro 2025 (Fonte: IPMA)



### III. Previsão mensal do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo (ECMWF)<sup>3</sup>

Segundo a previsão a médio e longo prazo<sup>4</sup>, a interpretação das previsões do Multisistema-C3S e do modelo do Centro Europeu de Previsão a Médio Prazo mostram a seguinte tendência para as próximas semanas:

- **Semana 17/11 a 23/11** – Anomalia negativa: valores abaixo do normal para quase todo o território (-30 a -1 mm) exceto no Algarve.
- **Semana 24/11 a 30/11** – Anomalia negativa: valores abaixo do normal para quase todo o território (-30 a -1 mm) exceto a região litoral Norte.

<sup>3</sup> <http://www.ipma.pt/pt/otempo/prev.longo.prazo/mensal/index.jsp?page=prev-182015.html>

<sup>4</sup> De referir que as previsões meteorológicas de médio e longo prazo assumem um carácter probabilístico, não podendo, por isso, ser admitidas com elevado grau de rigor determinístico e devendo ser continuamente revistas.

Tendo em conta a precipitação já ocorrida na primeira quinzena de novembro e mesmo não se esperando valores acima do normal para as restantes semanas, é expectável uma diminuição da área e intensidade da de seca meteorológica em todo o território.

#### IV. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras

Em 31 de outubro de 2025, e comparativamente ao último dia do mês anterior, verificou-se descida nas quinze das bacias hidrográficas analisadas.

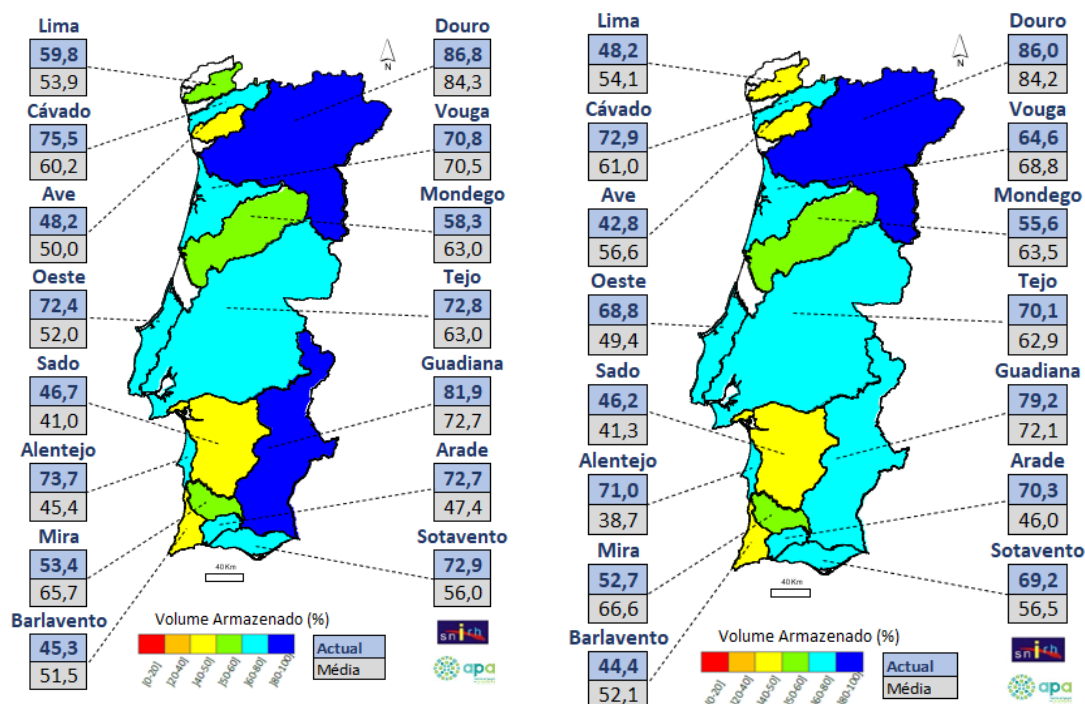


Figura 5 - Situação das albufeiras em setembro (esquerda) e em outubro de 2025 (direita) (Fonte: APA)

Os armazenamentos em 31 de outubro de 2025 por bacia hidrográfica apresentam-se superiores às médias de armazenamento de referência para o mês de outubro (1990/91 a 2022/23), **com exceção** das bacias hidrográficas do Lima, do Ave, do Vouga, do Mondego, do Mira e das Ribeiras do Algarve (Barlavento).

#### V. Águas Subterrâneas

No respeitante à evolução das reservas hídricas subterrâneas apresentam-se, seguidamente, os mapas de evolução dos níveis piezométricos correspondentes aos meses de setembro e outubro do ano hidrológico 2024-2025, figura 6.

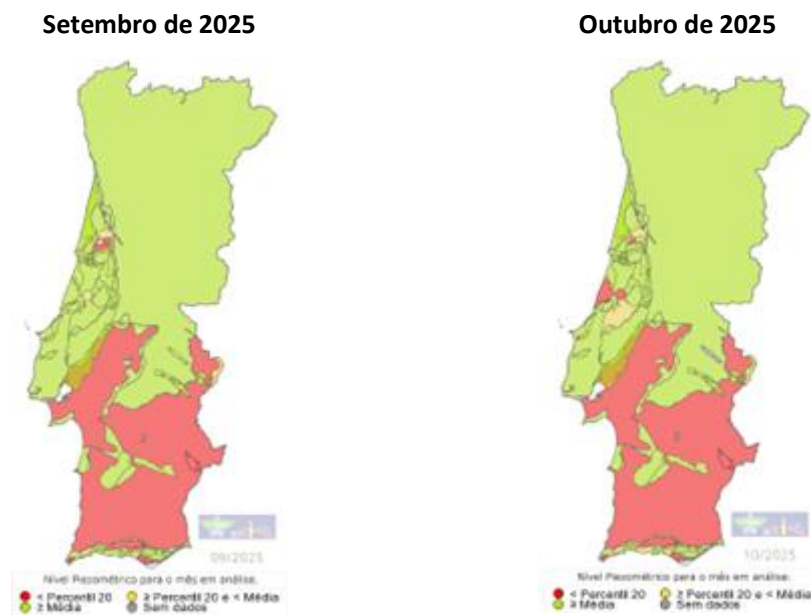


Figura 6- Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre setembro 2025 (esquerda) e outubro de 2025 (direita) (Fonte: APA)

Da análise dos mapas, e comparando o mês atual com o anterior, verifica-se que a situação se mantém, praticamente, inalterada. Continuam a observar-se situações preocupantes, em que os níveis continuam a apresentar valores, significativamente, inferiores à média. Encontram-se nesta situação as massas de água Moura-Ficalho, Bacia do Tejo-Sado/Margem Esquerda e algumas das que se situam na Orla Meridional.

#### ➤ Análise dos níveis piezométricos

Atendendo aos dados disponíveis no mês de outubro de 2025, constata-se que os níveis piezométricos em **328 pontos observados em 57 massas de água subterrânea** se apresentam, na generalidade, superiores às médias mensais. No entanto, nas seguintes massas de água, **os níveis piezométricos encontram-se significativamente inferiores aos valores médios mensais**:

Região Hidrográfica	Massa de Água
Vouga, Mondego e Lis	Ançã - Cantanhede Pousos - Caranguejeira Vieira de Leiria – Marinha Grande
Tejo e Ribeiras do Oeste	Bacia do Tejo-Sado / Margem Esquerda Maceira Paço
Sado e Mira	Maciço Antigo Indiferenciado do Sul
Guadiana	Maciço Antigo Indiferenciado do Sul

Região Hidrográfica	Massa de Água
	Moura – Ficalho
Ribeiras do Algarve	Campina de Faro Covões Querença – Silves

➤ **Massas de água em vigilância**

- **Todas as MA das Bacias do Guadiana, Sado, Mira e das Ribeiras do Algarve, exceto as que se encontram em situação crítica;**
- Ourém (bacia do Tejo);
- Vieira de Leiria – Marinha Grande (bacia do Lis).

➤ **Apreciação Geral**

Durante o ano hidrológico de 2024-2025 e, tendo em conta a precipitação que ocorreu nos meses de janeiro, março e abril, algumas massas de água subterrânea registaram uma melhoria nos níveis piezométricos, mas verificou-se que, no final do ano hidrológico passado, em algumas delas se começou a observar uma tendência de descida, atendendo a que as extrações se mantêm.

Com o início deste novo ano hidrológico, observa-se, ainda, que as massas de água em situação crítica ou em vigilância, na sua generalidade, nunca conseguiram recuperar ou começando a registar indícios de recuperação, não obstante os eventos pluviosos ocorridos ao longo do passado ano hidrológico, continuam, contudo, a registar níveis significativamente baixos.

De referir que **a situação mais preocupante se mantém nas massas de água Bacia do Tejo-Sado /Margem Esquerda, Moura-Ficalho e em algumas da região do Algarve**, que se encontram em situação crítica, devendo permanecer assim até que ocorra uma recarga eficaz, atendendo a que os níveis de água subterrânea permanecem muito baixos, não obstante haver indícios de recuperação. Em algumas delas, os níveis encontram-se próximo do nível médio da água do mar, ou mesmo inferior, podendo conduzir a situações de intrusão salina.



## VI. Reservas de Água nas Albufeiras e Aproveitamento Hidroagrícola

### ➤ Armazenamentos nas Albufeiras hidroagrícolas

Neste mês verificou-se uma tendência de descida na evolução dos volumes armazenados nas albufeiras, havendo 8 a subir, 50 a descer e 7 sem alteração, parte destas últimas na sua capacidade total.

A norte de Portugal (que inclui a bacia hidrográfica do Tejo), as albufeiras tiveram uma variação do volume armazenado entre -12,5% (Óbidos) e 24,5% (Camba).

A sul de Portugal existiu uma variação do volume compreendida entre -6,5% (Vigia) e 2,1% (Odivelas).

A entidade gestora da Barragem de Burgães não comunicou dados e a análise estatística não a contempla.

No final do mês, 14 das albufeiras hidroagrícolas tinham armazenamentos inferiores à metade da sua capacidade total, valor que não evidencia a existência de problemas de disponibilidades hídricas em algumas regiões de Portugal continental, designadamente nas bacias do Sado, Mira e baixo Guadiana. (figura 7).

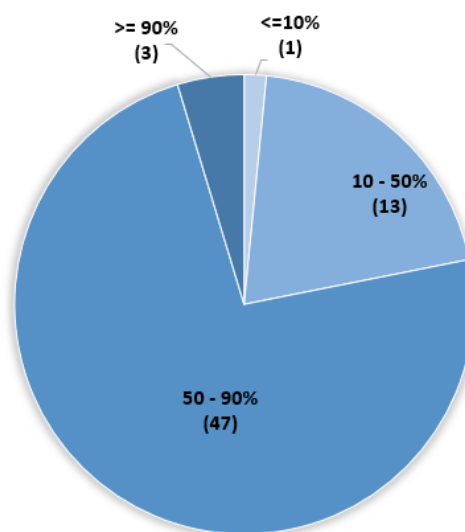


Figura 7- Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório (Fonte: DGADR)

Para mais detalhe ver o boletim de Reservas Hídricas e Regadio:

<https://sir.dqadr.gov.pt/outras/reserva-de-aqua-nas-albufeiras>

Neste mês, existem 2 albufeiras com reservas de água para a agricultura esgotadas (nível de contingência 3) e 17 com restrições significativas (nível de contingência 2 e 1), num total de 64 albufeiras avaliadas.

As albufeiras com reservas de água para a agricultura esgotadas (nível de contingência 3) são:

- **Santa Clara**
- **Pereiras**

Independentemente dos volumes úteis atualmente disponíveis, será sempre necessário realizar uma gestão criteriosa dos recursos hídricos (bem escasso e finito), sendo o desafio mais exigente nos aproveitamentos com mais do que uma utilização principal.

Neste contexto, estão aos aproveitamentos do Azibo, Cova da Beira, Caia, Vigia, Roxo, Campilhas e Alto Sado, Mira, Odeleite-Beliche, EFMA e Agueira.

## VII. Agricultura e Pecuária

### ➤ **Preparativos para o próximo ano agrícola - Condições em que decorreram as lavouras e sementeiras**

Os preparativos para o próximo ano agrícola decorreram com a algum atraso, estando a maior parte das sementeiras ainda por realizar no final do mês. Durante o mês de setembro e início de outubro foram feitas as mobilizações de solo e da incorporação de matéria orgânica, que antecede a sementeira das culturas cerealíferas.

### ➤ **Prados, pastagens permanentes e forragens:**

As pastagens permanentes em regadio apresentavam uma melhoria significativa no seu estado vegetativo após a ocorrência das primeiras chuvas. As pastagens de sequeiro (geralmente espontâneas) iniciaram novos ciclos vegetativos disponibilizando matéria verde para pastoreio direto, nomeadamente no Norte e no Centro do país. Por sua vez, a Sul do Tejo a matéria verde disponível, ainda, era insuficiente para o pastoreio direto dos animais. As espécies pecuárias estabuladas mantiveram condições de alimentação muito semelhantes a igual período do ano anterior, com boa disponibilidade de alimento natural conservado. O ano permitiu armazenar quantidades muito interessantes de forragens conservadas (fenossilagem e silagem).

A colheita de milho para silagem, ficou concluída durante o mês. A produtividade foi ligeiramente inferior ao ano anterior, no entanto é considerado um ano bom de produção, confirmando-se, também, uma boa qualidade.

No final de outubro iniciaram-se algumas sementeiras das áreas com culturas forrageiras anuais, consociações forrageiras (*gramíneas versus leguminosas*) e prados semeados.



➤ **Culturas de Primavera/Verão:**

**Milho**

Ao longo do mês, a colheita de milho de sequeiro e regadio para grão decorreu em boas condições ao, e encontrava-se, praticamente, concluída. Perspetiva-se uma produtividade menor ou igual ao ano anterior, com exceção na região do Algarve, que se perspetiva uma produção superior.

**Arroz**

Durante o mês de outubro deu-se continuidade à colheita do arroz.

No Baixo Vouga e Baixo Mondego as condições climatéricas foram favoráveis ao seu bom desenvolvimento, no entanto, a produção foi afetada pela presença de várias infestantes, prevendo-se produções mais baixas do que no ano transato.

No Oeste está a ser um ano bastante difícil, aponta-se para um balanço final da cultura negativo. Nas restantes zonas da região de Lisboa e Vale do Tejo é esperado, também, um decréscimo da produtividade. Excetua-se a Lezíria do Tejo e o Baixo Sorraia que, apesar da instalação tardia, estima-se uma produtividade normal, semelhante à dos anos anteriores.

No Alentejo verificou-se um aumento de produtividade global, devido a uma maior área semeada na presente campanha.

**Feijão, grão-de-bico, outras**

As condições foram boas para a maturação e secagem do feijão e grão e a colheita encontrava-se terminada.

Na região Centro estima-se uma produção de feijão e grão-de-bico igual à do ano anterior, enquanto na região de Lisboa e Vale do Tejo, apesar da produtividade ter sido inferior ao expectável para um ano normal, confirma-se que foi superior relativamente ao ano anterior.

Na Campina e Campo Albicastrense, zona de grande expressividade da cultura de feijão frade, confirma-se o aumento da produtividade relativamente ao ano anterior.

**Tomate para Indústria**

A ausência de precipitação permitiu que as operações de colheita de tomate para indústria decorressem sem interrupções ou dificuldades. A colheita terminou na segunda semana do mês e, comparativamente ao ano anterior, estima-se uma produtividade ligeiramente menor, mas com uma boa qualidade da produção ao nível de cor e *brix*.



---

## **Girassol**

No final do mês deu-se por concluída a colheita, com bons resultados quantitativos e qualitativos.

### ➤ **Culturas arbóreas e arbustivas (vinha, pomares e olival):**

#### **Citrinos**

Os pomares de limão encontravam-se em bom estado vegetativo. Os frutos estavam em diferentes estágios de desenvolvimento e a colheita está prevista para o final de novembro.

Nas tangerinas e seus híbridos estima-se uma queda na produção, na ordem dos 50% em toda a região do Algarve. Nas variedades mais tardias como D. João e Valência Late acompanham a tendência das variedades mencionadas.

#### **Amendoeiras, Aveliras, Nogueiras, Castanheiros**

Nesta campanha, a cultura da **amêndoa** sofreu quebras de produtividade um pouco por todo o território, excetuando-se no Algarve um aumento.

A campanha de colheita de **avelã** decorreu com normalidade, o fruto apresentava uma boa qualidade e bom calibre.

No que diz respeito à **noz**, os produtores estavam na fase de apanha, secagem e calibragem. Estamos perante uma campanha próxima da normalidade para a Terra Fria, com produtividade semelhante à da campanha anterior e cada vez mais plantas a entrar em plena produção.

A campanha da **castanha** encontrava-se em diferentes fases. As condições de stress hídrico no período estival condicionaram o desenvolvimento da castanha, que no geral se apresentava com calibre inferior ao normal. Relativamente à produtividade, há produtores que têm menos castanha e outros produtores com mais castanha que na campanha anterior.

#### **Pomóideas**

No Douro Sul, região de excelência na produção de maçã a nível nacional, os pomares registaram significativas perdas de produção, associadas a danos provocados pelo pedrado.

Na região Centro, a produção, tanto das peras como das maçãs foi ligeiramente inferior, prevendo-se uma quebra na produção comparativamente ao ano anterior.

No Oeste, os pomares de macieiras apresentavam perdas causadas pelo fogo bacteriano, que este ano teve uma incidência média. Em termos globais, para o conjunto das variedades de maçã, a produção

---

deverá ser muito semelhante à do ano anterior. A colheita de pera Rocha terminou no início do mês, confirmando-se que a quantidade de produção colhida foi muito semelhante à do ano anterior. Pelo quarto ano consecutivo a produção foi muito inferior ao potencial produtivo da região.

### **Vinha**

A campanha decorreu sem percalços e as vindimas ficaram terminadas ao longo deste mês.

No geral, registou-se uma perda de produtividade relativamente ao ano anterior, sobretudo devido aos fortes ataques de míldio e ao escaldão nas castas mais sensíveis que ocorreram durante o mês de junho. Relativamente à qualidade, esta foi considerada boa, no entanto, na comercialização espera dificuldades.

### **Olival**

Durante o mês de outubro iniciou-se a apanha da azeitona.

Nesta campanha perspectiva-se quebras na produção de azeite, devido a algumas condições adversas registadas, nomeadamente as elevadas temperaturas durante o vingamento, bem como as altas temperaturas na última fase do ciclo vegetativo.

### **Abeberamento do gado:**

No mês de setembro, o abeberamento animal foi realizado sem qualquer restrição.

